

A PANDORGA



Villan
L'isola
L'isola



**A PANDORGA:
O PROJETO DE UM VÔO**

Relatório Final

Isabela Hoffmann
Florianópolis, 25 de julho de 1999

RELATÓRIO FINAL
“A PANDORGA: O PROJETO DE UM VÔO”
De Isabela Hoffmann

A realização do projeto de conclusão do curso de jornalismo tornou-se para mim uma experiência incomparável a qualquer outra mesmo tendo já trabalhado um período de quase sete anos como jornalista no mercado de Florianópolis/SC.

Aliás, é indispensável aqui um breve relato sobre a minha trajetória desde que ingressei no curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, pela primeira vez, em 1985 até o meu retorno ao mesmo curso em 1997. Foram doze anos de afastamento, período que dediquei quase que exclusivamente ao trabalho. Comecei como repórter na antiga TV Cultura, onde permaneci por um ano, passei para a TV Barriga Verde onde trabalhei como repórter e produtora durante também um ano e então para a RBS TV onde fiquei um período de quase cinco anos e onde também tive a oportunidade de trabalhar como editora, apresentadora e coordenadora de um programa semanal chamado “RBS Comunidade”, além de continuar trabalhando como repórter, editora e apresentadora de outros telejornais, como Bom Dia Santa Catarina e Rede Regional de Notícias (JA).

Foi um período de crescimento profissional e aprendi como funciona o mercado de trabalho na área do jornalismo para TV: O pique de trabalho em plantões de urgência (a cobertura da enchente em Blumenau, inundação em Florianópolis, eleições...), as disputas internas na própria redação e o preconceito por ser mulher e ter que “disputar” espaço com os colegas de redação nas chamadas “matérias importantes”. Tudo isso foi profissionalmente válido para mim. Conheci de perto o processo de trabalho de uma das maiores empresas de televisão do Brasil. Fiz, por duas vezes, estágio na Rede Globo, no Rio de Janeiro e conheci o processo de produção desde o Bom Dia Brasil ao Jornal Nacional e Fantástico. Experiências que enriqueceram o meu trabalho prático na RBS TV e minha visão crítica sobre o que se faz hoje em termos de telejornalismo. Depois de quase seis anos trabalhando em televisão me senti segura profissionalmente, conhecendo todas as manhas de um telejornal, mas no final sem muita satisfação pessoal e profissional. Até que um dia um dos diretores da emissora em que eu trabalhava, sabendo que eu não estava satisfeita com o jornalismo diário e que estava reivindicando uma revisão do meu contrato – até mesmo em termos salariais, se deu ao trabalho de copiar em uma fita alguns trabalhos meus, algumas reportagens e a condução de alguns telejornais, tudo editado na seguinte ordem: reportagens do início da minha trajetória na emissora, o meio e o final. Assisti a fita com a curiosidade normal de alguém que vê em poucos minutos o próprio desenvolvimento profissional de cinco anos. Terminada a fita o diretor se virou pra mim e perguntou com a maior naturalidade: “Viu só? Viu como eras profissionalmente e como és hoje? O que mais tu queres? Hoje és uma excelente profissional.” Na hora achei até graça, mas não tive dúvida quanto a resposta: “Tudo bem, mas não é só isso”. Aprendi na prática as regras do telejornalismo, me “formei nos padrões RBS de jornalismo diário”, mas faltava alguma coisa e a pergunta era mesmo essa: “O que mais eu queria?”. Comecei então a produzir documentários para a mesma emissora. Fiz um trabalho sobre as colonizações do estado: “Os Imigrantes” e sobre a economia catarinense: “Santa Catarina: Modelo econômico”. Já era diferente do jornalismo diário, envolvia todo um trabalho de pesquisas e muita leitura, mas mesmo assim não era possível fugir muito do padrão RBS de jornalismo com suas regras, formatos e linguagens. O lado criativo, a poesia precisam ser deixados de

lado nesse processo. Um tempo depois a minha saída da emissora foi inevitável. Voltei à TV Barriga Verde, onde pude “criar” e conduzir um programa diário: o “Dia a Dia Santa Catarina”, seguindo os mesmos moldes do programa da TV Bandeirantes, a qual a Barriga Verde é afiliada. Também nesse período não se podia criar muito, mas pelo menos eu tinha mais autonomia de trabalho. Fiquei por quase um ano na condução do programa e depois saí da emissora ainda com a mesma insatisfação profissional e pessoal.

Por algum tempo fiquei afastada do jornalismo e me dediquei às aulas de inglês, no curso dirigido pela minha família. Foi um período bastante rico, quando aperfeiçoei meu inglês e tive a oportunidade de ler excelentes livros, clássicos ou modernos, de autores ingleses, americanos ou franceses (traduzidos para o inglês). Foi um período que eu considero tranqüilo na minha trajetória profissional, mas ainda faltava alguma coisa.

Em 1996 um outro tipo de experiência me pegou de surpresa. Fui convidada a trabalhar como assessora de imprensa para a única candidata mulher à prefeitura municipal de Florianópolis. Sempre cobri eleições, fiz vários programas de debates sobre política, mas estar do outro lado era a primeira vez e a oportunidade de ver como tudo funciona me chamou a atenção e aguçou minha curiosidade. Aceitei o convite, mesmo sem vínculo partidário algum, e acompanhei durante quatro meses a candidata na campanha política. Os quatro meses foram suficientes para eu ver que definitivamente política não é o meu meio, nem mesmo assessoria de imprensa. Presenciei situações que não se imagina no jornalismo diário. Em outubro saiu o resultado: haveria segundo turno. Mas com certeza eu não estaria lá para ver. Pedi demissão no dia seguinte ao resultado do primeiro turno (acho até que a candidata gostou da minha atitude, uma vez que nós não concordávamos em alguns (vários) aspectos da campanha ...).

Foi então que eu decidi retornar ao curso de jornalismo confiante de que seria o lugar certo para eu escolher que rumo tomar na área da comunicação. E foi a melhor decisão que eu tomei nos últimos anos. Nessa minha segunda etapa de vida estudantil o aproveitamento foi muito maior do que quando ingressei pela primeira vez no curso de jornalismo em 85. Acredito que devido ao meu amadurecimento pessoal e até mesmo profissional.

Nos últimos dois anos, desde que retornei ao curso, tive ainda a oportunidade de reencontrar excelentes profissionais como a professora Gilka Girardello, José Gatti, Sônia Maluf, Aglair Bernardo, Ricardo Muller, Tambosi... Pessoas que traduzem o seu trabalho em qualidade de aulas ministradas.

Posso dizer, por experiência própria, que o curso de jornalismo da UFSC hoje não é o mesmo de 1985 e isso, não apenas pelo “aprimoramento técnico ou informatização de algumas salas”, mas também pela qualidade das aulas e dos profissionais que estão no curso. E entre tantas experiências positivas que tive desde meu retorno, chamo a atenção para os cursos de cinema e roteiro do professor José Gatti. Roteiro em especial, por ter relação com o meu projeto final e por ter sido culpado pela minha mais recente decisão profissional.

Eu ainda procurava uma trilha quando tentava uma vaga para o curso de Roteiro I em 97/2. Uma disciplina bastante disputada e que não tive a oportunidade de conseguir vaga no período normal de matrícula devido ao meu índice geral, por ter ficado tanto tempo afastada do curso. A única alternativa, segundo Dalton, seria pedir ao professor Gatti que abrisse uma vaga extra para mim. Fiz o pedido. Na primeira tentativa a negativa e a justificativa de que a turma estava completa, o espaço era pequeno e um aluno a mais

poderia atrapalhar o ritmo da aula. Entendi e dei razão à essa justificativa visto as condições do espaço físico do curso e pelo fato da turma já estar envolvida com o assunto desde o semestre anterior e eu estava retornando de um longo período de “alienação” profissional, mas não aceitei como resposta final e voltei a insistir. (Aliás, é um dos meus defeitos: a teimosia).

Agradeço ao professor José Gatti por ter aberto a exceção, pois foi a partir dessa disciplina que ficou claro o rumo que eu poderia tomar. Não que eu seja uma profunda conhecedora da linguagem do cinema, mas por ser essa área da comunicação que me fascinou. Segui fazendo Roteiro II, Cinema II, Teoria do Cinema e faria outras se fossem oferecidas. Nessas aulas tive contato com uma linguagem que eu desconhecia e revi, desta vez com olhar mais apurado, grandes obras de grandes cineastas como as de Luiz Buñuel, Glauber Rocha, Felini.... E tenho certeza que muito ainda tenho que aprender.

No meio desse trajeto, na disciplina de Cinema II, tive a oportunidade de me aprofundar um pouco em um estudo sobre a vida de Glauber Rocha e uma de suas frases me chamou a atenção ¹

“Sou jornalista, poeta, escritor, crítico, pintor também, e sou músico. Faço cinema por que é a síntese de todas as artes. Mas ser cineasta hoje é uma coisa lamentável. O ambiente intelectual do cinema foi corrompido pelo comercialismo. Então hoje eu me defino como um intelectual independente que, entre outras coisas, faz cinema. O intelectual moderno é um comunicador múltiplo. A época dos especialistas acabou....”

Não tenho a pretensão de me comparar a Glauber Rocha, estou muito longe disso, mas a frase me chamou a atenção pelo aspecto do comunicador múltiplo, que entre outras coisas pretende fazer cinema.

E foi com essa base que eu comecei a pensar o meu projeto final do curso de jornalismo. Aliás, quando eu comecei a escrevê-lo não pensei nele como o final de alguma coisa, mas como a possibilidade de um reinício profissional.

Eu estava determinada a realizar o meu primeiro curta metragem e já havia feito o convite ao meu orientador, o professor José Gatti. O passo seguinte: era necessário definir o tema. Pensei em vários. A primeira idéia era a de concretizar o roteiro do curta que escrevi durante a disciplina de Roteiro II.: Uma história sobre um policial com sérios problemas pessoais e psicológicos, que entra num processo de auto destruição. Mas logo me convenci de que o tema era intimista demais, precisaria de várias correções e eu precisaria de muito mais experiência para poder conduzi-lo (esse pode ser talvez um projeto para o futuro). Pensei então em escrever um roteiro sobre depressão infantil, mas novamente, e alertada também pelo meu orientador, não me senti preparada para lidar com o assunto por vários motivos, um deles pessoal.

Finalmente pensei no tema “ meninos de rua”. Depois de discutido e aprovado com o orientador passei a fazer uma série de pesquisas. A minha determinação

¹ “Glauber Rocha, Cartas ao Mundo”, Organização Ivana Bentes. Companhia da Letras, 1997

era a de contar uma realidade, que é universal, através da história de uma única criança. Mas qual criança?, era a minha preocupação seguinte. E foi em uma conversa com a professora Gilka Girardello que conheci a história de um menino e que acabou resultando no roteiro do curta. Comentei com a professora Gilka sobre a minha procura e ela me falou sobre um menino de rua que tinha morrido no ano passado e que o melhor caminho para a minha pesquisa seria através do Grupo Pandorgas Partidas e a professora Maristela Fantin, do Centro de Educação da UFSC. O Grupo é composto por profissionais da área da educação e trabalha há algum tempo com o tema. Conversei com a professora Maristela sobre a minha intenção de contar, através da narrativa ficcional, a história do menino que é apresentado como símbolo do movimento. A professora me convidou a participar de uma reunião do grupo e expor para todos o meu projeto. Fui nessa reunião e falei da minha pesquisa e minha intenção. A princípio senti um certo receio e desconfiança do restante do grupo quanto ao meu trabalho, mas mesmo assim a professora Maristela confiou no projeto e continuou em contato comigo. Ela me falou algumas coisas sobre o menino: Ele se chamava William Barbosa de Araújo, tinha 11 anos, tinha família, mas passava grande parte do seu tempo nas ruas de Florianópolis. A professora insistiu em descrevê-lo como uma criança que gostava de artes. Vi alguns recortes de jornais sobre o dia em que ele morreu eletrocutado em uma árvore de natal em Canasvieiras. Tudo isso me pareceu muito simbólico: a árvore de natal, o gosto dele pela arte e o próprio nome do grupo "Pandorgas Partidas". Depois do meu segundo encontro com a professora Maristela voltei para casa determinada a escrever o argumento para o roteiro. Eu já tinha alguns elementos para trabalhar: William – 11 anos, o gosto pela arte, a infância difícil, a morte e a pandorga (pipa) enquanto símbolo de sonho, fantasia e liberdade. Trabalhei sozinha durante duas ou três semanas. Nesse meio tempo o Grupo Pandorgas Partidas tinha organizado um festival de pandorgas em homenagem ao primeiro ano da morte de William. Particpei do festival com o objetivo de saber alguma coisa mais sobre a relação das pandorgas com o menino. Um trabalho de campo que me ajudou muito na hora de escrever o argumento. Em um mês, o argumento estava pronto: Eu contava a história de William, um menino que vivia nas ruas, enfrentava a fome, o frio, a falta de uma família estruturada, o relacionamento com as drogas, mas que tinha um sonho: Ter uma pandorga (a pandorga enquanto símbolo de liberdade e fantasia). O curta seria realizado em vídeo.

Me lembro ainda que terminei o argumento numa sexta-feira, mas parecia que faltava alguma coisa que eu tinha deixado passar, alguma coisa importante da vida do menino, que eu não conheci. No Sábado tomei a iniciativa de ligar para a professora Maristela Fantin e pedir à ela que me apresentasse os pais de William. A princípio ela ficou em dúvida e me explicou que na época da morte do menino a imprensa não tinha sido muito favorável dele, culpando-os pelo que tinha acontecido. Falei novamente sobre o meu projeto, explicando com detalhes a minha intenção.

Naquele mesmo dia (sábado) fui com a professora à casa dos pais de William, na comunidade da Costeira do Pirajubaé. Subimos uma parte de carro e outra a pé. O receio da professora ficava cada vez maior a medida que nos aproximávamos da casa. Ela me confessou que tinha medo e não sabia como iria encontrá-los, uma vez que os dois são hoje dependentes do álcool. Chegamos na casa e fomos recebidas pela avó do menino, que me chamou a atenção pela expressão facial: Uma pessoa que aparenta uma personalidade muito forte, ela apenas cumprimentou a professora e com um aceno da cabeça nos indicou o interior da casa, mostrando que os pais estavam ali. Entramos e encontramos os dois no quarto, um dos únicos três cômodos que a casa possui. Ela estava

deitada na cama com a perna engessada, ele sentado ao lado dela. Os dois nos receberam com bastante simpatia. A professora me apresentou como uma estudante de jornalismo que estava fazendo um trabalho com o grupo. Permaneci calada durante quase toda a visita, enquanto a professora conversava com o pai de William sobre o festival de pandorgas, sobre o trabalho do grupo.

Eu pedi licença e me sentei ao pé da cama, me limitando a observar os dois e o ambiente. Conversei um pouco com a mãe de William sobre alguma coisa que estava passando na pequena televisão ligada ao pé da cama. (Não me lembro ao certo, mas me parece que era sobre o seqüestro do irmão dos cantores de música sertaneja), um assunto bastante explorado na época pela mídia. Foi um pequeno comentário e em seguida fiquei novamente calada sem mesmo prestar atenção no que Maristela falava com o pai de William. Eu ainda estava sentada aos pés da cama, pronta para me levantar, pois a professora já estava se despedindo, quando Seu José, o pai de William, se virou para mim e falou, como se tivesse lido meu pensamento ou percebido minhas dúvidas e as várias perguntas que eu ainda tinha: "Ele era um menino alegre e na época ele me pediu uma pandorga e eu não pude fazer porque tava trabalhando muito". Eu voltei a sentar, meio que tomada pelo susto e pela coincidência da história verdadeira e o meu roteiro de ficção. A professora já estava se levantando, se despedindo e eu fiz o mesmo. Depois dessa visita tive a certeza de que estava no caminho certo.

Algum tempo depois o roteiro estava pronto, revisado e corrigido pelo orientador. Começava então uma outra etapa. Com o projeto na mão fui em busca de apoio. A primeira tentativa foi o Sebrae, que logo de início me apresentou uma resposta negativa justificando que não havia interesse da instituição em apoiar um projeto sobre esse tema, já que eles trabalham muito em cima do turismo...

Mesmo sem a certeza de apoio algum iniciei o trabalho de pré-produção. Conversei com várias pessoas sobre o projeto. Pesquisei locações e atores. No Estúdio de Atores recebi o apoio de Andréa Busato e o marido (donos do estúdio) e Lelete que se ofereceu para me ajudar na produção. Por orientação do meu orientador entrei em contato com o vereador Márcio de Souza, que fazia parte do Movimento Negro de Florianópolis (o personagem principal da história - William - é um menino negro). O vereador leu o roteiro e se prontificou a ajudar. Por várias vezes estive na Fundação Catarinense de Cultura- CIC- (compromissos pessoais) e encontrei o cineasta Eduardo Paredes, que já sabia sobre o meu projeto (não chegou a ler o roteiro, mas sabia sobre o tema). Entre uma conversa e outra, Paredes me incentivou a procurar apoio via "Lei do Mecenato". Comecei então a estudar a legislação. Nesse meio tempo, uma outra pessoa que trabalha na Fundação, Elizabete Pires - do setor de Museus- me falou sobre o Governo do Estado ter verbas específicas que devem ser destinadas a projetos na área social, principalmente sobre o tema "meninos de rua" e que eu deveria procurar o Secretário da Casa Civil, professor Celestino Secco. Não fiquei muito confiante, não era nenhuma informação oficial ou segura, mas era uma alternativa. Apresentei o projeto ao Secretário que - de imediato- se interessou pelo tema, mas eu teria que aguardar alguns dias pela resposta. O projeto deveria passar ainda pela aprovação do Governador Esperidião Amim.

Enquanto aguardava a resposta do governo as coisas começaram a mudar e o projeto começou a tomar outro rumo. Falei com muitas pessoas, inclusive com o Maestro Nilo da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina e uma aluna dele, que aceitaram o convite para gravar algumas cenas do filme. Em outra oportunidade conversei com Zeca Pires, da cinemateca catarinense, que gostou do projeto e me falou sobre o concurso de curtas

promovido pelo Ministério da Cultura. Começamos assim a formar uma equipe... Zeca Pires, eu, Lelete, Andréa, Ricardo... (todos bastante envolvidos pelo tema).

Para participar do concurso do Ministério eu teria que reestruturar o projeto, orçamento e enquadrá-lo para o formato de película. A resposta do concurso seria no dia 3 de agosto e a produção do filme aconteceria no segundo semestre de 99. Nesse ponto confesso que fiquei um pouco confusa, sem saber o que fazer.

Eu já tinha envolvido tanta gente no projeto, tinha a possibilidade de inscrevê-lo no concurso do Ministério, mas ao mesmo tempo tinha um prazo para apresentar o projeto final do curso de jornalismo. As datas não estavam coincidindo. Foi preciso tomar uma decisão. Eu tinha duas alternativas: 1) Arriscava o concurso do Ministério e adiava minha formatura ou 2) Arriscava o concurso e elaborava um outro projeto, um documentário em vídeo sobre o mesmo tema, para apresentar como conclusão do curso de jornalismo.

Enquanto eu ainda pensava entre uma alternativa e outra, depois de quase duas semanas, o Governo do Estado me deu a resposta sobre o projeto. Eu tinha conseguido o apoio através da Secretaria e o órgão patrocinador seria o Besc- Seguros. Conversei então com o Sr. Amorim, Diretor de Marketing da Secretaria da Casa Civil (Governo do Estado) e falei sobre os rumos que o projeto tinha tomado. Falei que o projeto poderia ser encaminhado ao Ministério da Cultura para participar do concurso de curtas (película) e coloquei sobre a minha preocupação em mudar o formato e a linguagem do projeto já aprovado pelo Governo. Me prontifiquei a reapresentar o projeto (documentário) à Secretaria e ficar sujeita à uma outra avaliação. O Sr Amorim disse que não havia necessidade, que eu poderia fazer o documentário e que mais tarde – sendo aprovado o curta na Lei do Mecenato do Ministério da Cultura eu poderia ainda buscar outros apoios junto ao governo.

Depois desse encontro e do conselho de várias pessoas que já estavam envolvidas no projeto – direta ou indiretamente - a minha decisão foi tomada. Eu iria reelaborar o projeto para apresentar como conclusão do curso e reestruturar o curta metragem para película em termos de orçamento e preparar a documentação necessária para participar do concurso do Ministério. Eu já contava com o envolvimento de Zeca Pires e nós dois passamos dois dias reorganizando o material. Ao mesmo tempo eu começava a reelaborar o projeto para o curso. Ele seguiria a mesma temática , só que estaria no formato de documentário. A minha idéia era a de contar a história de meninos e meninas de rua de Florianópolis a partir da narrativa das próprias crianças e utilizar os mesmos elementos do projeto inicial: No lugar de William outras crianças que ainda estão nas ruas, o relacionamento delas com a família, com a sociedade e as dificuldades e os problemas que enfrentam por estarem nas ruas. A pandorga ainda seria o principal símbolo do documentário representando o sonho, a fantasia e a liberdade. Quero aqui reforçar que o projeto do documentário está diretamente ligado ao projeto do curta.

Recomecei então o trabalho de campo. Entrei em contato com várias pessoas e instituições que trabalham a questão do menino de rua. Continuei em contato com Maristela Fantin e em uma exposição organizada pelo Grupo Pandorgas Partidas conheci Maria Hoepers e Daniela, que trabalham no Conselho Tutelar de Florianópolis. As duas me deram os nomes de outras pessoas que eu poderia procurar: Seu Carlos do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua/ Florianópolis, Sandra e Alessandra do Programa Abordagem de Rua e Laione Capistrano da Casa de Passagem. Entrei em contato com todos e comecei a marcar as entrevistas.

Nessa etapa do projeto a jornalista Marina Moros se ofereceu para me acompanhar em alguns dias de gravação. Como a proposta inicial previa uma exposição de fotos sobre o mesmo tema, no dia da apresentação do vídeo, eu a convidei para fazermos juntas a exposição. Ela logo aceitou o convite e nos cinco primeiros dias Marina Moros esteve junto com equipe durante as gravações. Ela foi companheira e amiga, escutando minhas neuras, preocupações e dúvidas sobre o sucesso ou não da empreitada e sempre me animando. Também nesse período a professora Aglair começou a participar, mesmo que extra-oficialmente, da orientação do projeto. O professor José Gatti me ajudando a decidir entre uma etapa e outra do processo e a professora Aglair se envolvendo no tema comigo, a medida que eu evoluía na pesquisa de campo.

Eu tinha programado com a equipe da RBS TV dez dias de captação de imagens (externas). As entrevistas marcadas – Casa de Passagem, Conselho Tutelar e Movimento dos Meninos e Meninas de Rua - eram apenas um suporte para a narrativa. Meus personagens principais eram as crianças que estavam nas ruas e essa era minha grande preocupação. Eu não tinha como marcar data e local para as entrevistas com as crianças e arriscaria alguns dias de externa (\$) com a equipe da RBS sem ter a certeza de que conseguiria algum resultado positivo. Em alguns casos eu teria que contar quase que exclusivamente com a sorte. Segue então relatório sobre os principais dias de gravação.

1º Dia de Externa (3ª Feira):

A primeira entrevista oficial estava marcada para 4ª feira na Casa de Passagem. Na 3ª feira eu iria com a equipe para o centro da cidade com o objetivo principal de sentir o ambiente, explicar para o câmera e o assistente sobre o que eu queria em termos de cenas e já gravar algumas imagens de transição, que serviriam para editar o documentário, como a Catedral, a Praça XV, ruas estreitas do centro e outras. Não esperava entrevistar nenhuma criança já nesse primeiro dia. Mas logo na descida do morro, já com o carro da equipe, encontramos duas crianças dormindo na calçada, encolhidas, esfarrapadas. Paramos o carro e fomos tentar fazer algumas imagens. Nesse momento chega um carro da Polícia, que os moradores tinham chamado.

Meu primeiro dia de externa, sem nada marcado e tudo que eu queria estava acontecendo. Todas as decisões tinham que ser imediatas, sem pensar muito. Tentei então organizar uma pequena produção chamando o Grupo de Abordagem de rua para que elas viessem ao local e me falassem qual seria o procedimento em casos como esses, para onde essas crianças poderiam ser levadas, o que poderia ser feito... Elas não atenderam o meu convite. Foram os policiais que me deram as entrevistas. Esperei então que os policiais acordassem os meninos e tentei conversar com um deles. Na minha primeira tentativa não fui muito bem recebida por ele, que demonstrou um pouco de agressividade (natural à minha investida). Pedi então para que o câmera se afastasse e sentei com o menino na escada onde ele antes estava dormindo. Reconheci o garoto. Era o mesmo que estava na Casa de Passagem quando eu estive lá pela primeira vez fazendo a pesquisa de campo. Conversei com ele, que disse ter me reconhecido também. Expliquei sobre o projeto e foi impossível não criar um certo vínculo afetivo com o menino (acho que meu instinto materno falou um pouco naquela hora). No final estávamos rindo juntos (se é que é possível rir nessas situações), falando das brincadeiras que ele mais gostava e ele topou em me dar uma entrevista sem antes me pedir um café e um pão (por ironia estávamos diante de uma

padaria e não tive como dizer não). De barriga cheia ele me falou, mesmo que em monossílabos, algumas coisas sobre estar nas ruas, sobre a família (só tem a mãe) e sobre brincar no centro da cidade. Terminada a entrevista nosso destino era o centro da cidade, onde eu retomaria minha intenção inicial de captar algumas imagens de transição para o documentário. Gravamos as imagens do movimento do centro, Largo da Alfândega, encontramos algumas crianças, que não concordaram em gravar entrevistas e perto do meio dia fomos para a Catedral, onde subiríamos na torre para gravar imagens aéreas da Praça XV. Às 11:50 estávamos nas escadarias da Catedral esperando o sino bater (um elemento importante que eu utilizaria para pontuar o documentário). Enquanto esperávamos, dois jovens também sentados na escadaria, me chamaram a atenção pelo modo de falar e de se vestir. Eles começaram, mesmo de longe, a gesticular na direção da câmera. Eu e o câmera Patrício tomamos a iniciativa de chamá-los para mais perto, para podermos conversar. Eles se aproximaram e ouviram minha explicação sobre o que eu estava fazendo. Logo pedi uma entrevista e os dois concordaram. Eles me falaram sobre a vida nas ruas, sobre usar drogas, roubar para comer e sobre o fechamento do Albergue Santa Rita de Cássia, que servia de abrigo para meninos de rua, “Lá a gente trabalhava na horta, recebia caixinha para engraxar sapato...Eles fecharam o Albergue, agora a gente não tem pra onde ir e ficamos nas ruas”, confirmou um deles. Terminada a entrevista, me levantei e já estava me preparando para ir embora, o câmera já estava guardando o equipamento, quando um deles (o mais velho) me pediu dinheiro : “Agora a tia nos dá um trocadinho pra comê, né?!” O rapaz ficou me encarando, meio rindo meio sério, e eu não soube como sair da situação. Ele insistiu e eu não tive como negar. Tudo isso me chocou já no primeiro dia de gravação. O que antes eu imaginava em ficção estava se tornando real. Lembro ainda de ter comentado com meu orientador sobre essas primeiras entrevistas, de que eu estava em dúvida se era esse nível de depoimento que eu esperava. Mas confesso hoje que foram essas entrevistas que deram o primeiro rumo ao meu documentário.

2º Dia de Externa (4ª feira)

Era o dia marcado para irmos à Casa de Passagem e Conselho Tutelar, a princípio apenas para fazermos imagens. Fomos bem recebidos por Carla do Conselho Tutelar que nos levou até Laione da Casa de Passagem (os dois funcionam no mesmo prédio). Começamos a fazer imagens do dormitório enquanto eu conversava com a coordenadora Laione sobre o trabalho realizado pelos educadores da Casa. Naquele dia não encontrei nenhuma daquelas crianças com o perfil dos meus primeiros entrevistados. Conversei com Maria, uma jovem de 20 anos, que estava lá alguns meses por causa do filho recém nascido, que ela segurava nos braços. Maria é ex- menina de rua, tem dois filhos e me deu um depoimento bastante emocionadê. Ela contou sobre as dificuldades de ficar nas ruas, sobre os amigos que já morreram “uns com o vírus HIV, outros de overdose”. Ela conhecia William, o personagem principal do meu primeiro projeto – o roteiro para o curta metragem, e me falou sobre ele.

Conheci também outra jovem de 17 anos que sobrevive nas ruas do centro fazendo “ponto” como prostituta. Ela concordou em gravar entrevista.

3º Dia de Externa (5ª feira)

Fomos novamente ao centro da cidade, uma vez que era o local onde os meninos e meninas se concentravam. Eles vem de São José, Via Expressa e outras localidades e acabam sem rumo pelas ruas do centro de Florianópolis. Consegui algumas entrevistas nesse dia. Conversei com crianças que estavam trabalhando como engraxates. Vale lembrar aqui que existe uma diferença entre meninos de rua e meninos nas ruas. Os meninos de rua passam o dia e a noite nas ruas, ficam andando o tempo todo e já perderam o vínculo com a família. Os meninos na rua são aqueles que acabam trabalhando, como engraxates ou vendendo balas, para ajudar no orçamento da família. Essa diferença é facilmente percebida no modo de se vestir e até mesmo no jeito de andar.

Sábado

Pela manhã fomos gravar com o Coral Arco-Íris da comunidade do Monte Verde. O Coral é uma iniciativa da professora Leniete Couto e atende crianças da comunidade. A idéia é concluir com propostas positivas que podem servir de alternativa para tirar as crianças das ruas. O resultado da gravação foi positivo e as entrevistas serviram para o propósito. No período da tarde fomos à comunidade do Mont Serrat (Morro da Caixa) para tentar conversar com as crianças e por ser este o local onde se concentra um grande número de pandorgas, nos finais de semana. Encontramos algumas crianças brincando no terreno da caixa d'água, mas a entrevista que rendeu para o documentário foi com Dona Uda, o contato que tínhamos no morro, que nos falou sobre as preocupações do Conselho Comunitário sobre o tema "meninos de rua".

1º Dia de Externa no período da noite (3ª feira da semana seguinte)

A idéia era a de sair a noite e ver se encontrávamos algumas crianças. Nossa preocupação, ao chegarmos com a equipe, era a de não Ter uma reação negativa das crianças e poder conversar com elas. Muito fui alertada pelos educadores da Casa de Passagem de que seria melhor se alguém nos acompanhasse. Combinamos então com a Educadora Sônia Coelho, que se prontificou a nos acompanhar. O melhor local para irmos seria as redondezas do Shopping Beira Mar. Assim que chegamos encontramos um menino na sinaleira pedindo dinheiro. Nós ainda estávamos no carro e ele veio na nossa direção quando o trânsito estava parado. A educadora falou primeiro e perguntou se ele "concordaria dar uma entrevista para a Isabela". Ele concordou e nós estacionamos o carro. Quando nos aproximamos do menino, ele já falava em tom alegre e em voz alta, perguntando que era a Isabela. Me apresentei e ele fez o mesmo: "Prazer, eu sou o William". Foi impossível para mim não fazer uma relação desse menino com o personagem principal da minha história. William, menino negro de 12 anos na sinaleira do Shopping, me deu entrevista falando em verso. Em seguida ele mesmo me apresentou um amigo que se aproximava da gente. O rapaz tinha 17 anos e foi um depoimento também bastante significativo para o documentário.

2º Dia de Externa no período da noite

Depois da primeira saída a noite, acredito que me senti mais segura para tentar um outro dia de gravação a noite. Novamente sem nada marcado, fomos para o centro. A idéia inicial era fazer umas imagens da Catedral a noite (a mesma imagem que foi feita durante o dia) para poder fazer a transição dia/noite, que eu considerava importante para o documentário. Fariamos também algumas imagens do calçadão sem movimento, lojas fechando... Arrisquei uma passada pelo Largo da Alfândega. Algumas crianças estavam brincando no palco daquela praça, que servia também de cama para eles. Me aproximei de um deles que estava sozinho brincando no banco. Sentei com ele, que logo quis saber se eu estava fazendo uma reportagem para a televisão e sobre o que era essa reportagem. Expliquei para ele que era um trabalho para a universidade sobre as crianças que ficam fora de casa, que dormem nas ruas. De imediato ele respondeu na forma de pergunta (sorrindo): “ Sobre a gente?”. Quando percebi estava cercada por quatro ou cinco meninos que também queriam saber sobre o que era a entrevista. Dois deles concordaram em gravar depoimentos, mas eles ficariam segurando o microfone, como forma de controle da situação. Eles queriam falar mas eles conduziram a entrevista. Percebi então que a noite os depoimentos eram mais fortes, descontraídos, como se eles se sentissem mais seguros no escuro, com as ruas vazias. Logo percebi atrás da gente, no palco, escondida em caixas de papelão uma menina, curiosa também com o movimento dos meninos, com a entrevista e o trabalho do câmera. Me aproximei dela e pedi uma entrevista. Ela concordou e falou sobre estar nas ruas, sobre o trabalho de catadora de papel, sobre a Casa de Passagem, onde ela já tinha estado. A entrevista foi interrompida quando um rapaz mais velho passou perto de nós e a repreendeu com o olhar, como se tivesse dito para ela parar de falar. Terminamos as entrevistas e fomos embora. O material que eu já tinha era muito rico em depoimentos e a minha história já estava contada.

A entrevista com os meninos do Movimento dos Meninos e Meninas de Rua de Florianópolis

Essa foi uma parte que me chamou a atenção. Por duas vezes a entrevista marcada foi cancelada.

A primeira vez um problema pessoal me impediu de fazer a entrevista no dia em que eu tinha marcado (na 3ª feira da segunda semana de externas). Seu Carlos Cardoso, coordenador do Movimento entendeu meu problema e marcamos então para a 5ª feira, no período da tarde. No dia da gravação, ao meio dia, recebi um telefonema de Seu Carlos desmarcando a entrevista, dizendo que os meninos que conversariam comigo não poderiam comparecer. Entendi e tentamos marcar para outro dia, mas não conseguíamos conciliar os horários. Fiquei em contato com Seu Carlos e somente depois que eu tinha concluído todas as gravações (externas) conseguimos marcar um horário. Seu Carlos me deu a última alternativa: Nos Sábado o grupo estaria reunido na Escola Técnica para discutir os rumos do Movimento, o encontro nacional e outros assuntos internos. Ele me convidou para participar da reunião. À essa altura eu já tinha começado a decupagem do material que eu tinha e percebi que faltava o fio condutor da história para que os depoimentos não ficassem

soltos no documentário e a faltava também a relação desses depoimentos com a pandorga. \Uma vez que as gravações no Morro da Caixa não tinham rendido o que eu esperava com relação as pandorgas.

Depois de visto uma parte do material já gravado, pensei em criar esse fio condutor com uma criança (ou mais) fazendo uma pandorga. Eu não conhecia os meninos do Movimento, mas arrisquei um pedido para Seu Carlos: “Será que os meninos não poderiam fazer uma pandorga para mim?”. Ele ri e apenas comentou que “saber fazer eles sabiam, mas se os meninos iriam se prontificar a fazer uma pandorga para mim era outra questão que ele não poderia dar certeza”. Arrisquei mesmo assim. Levei para o encontro papel de seda, cola, tesoura, varetas. A princípio deixei no carro e fui para a reunião. Conversei com os meninos e fiz o pedido. E foram eles que organizaram o grupo. Dois iriam me dar as entrevistas e dois iriam fazer as pandorgas para mim. Era perfeito. Gravamos as entrevistas na sala onde tinha acontecido a reunião e fomos para a rua fazer a pandorga. A minha proposta era gravar essa Segunda parte no gramado do campo de futebol da Escola, mas o câmara me chamou a atenção para o dia chuvoso. Não chovia forte, mas a chuva fina poderia atrapalhar a gravação. Mesmo assim arrisquei. Cobrimos a Câmera com uma sacola de plástico e fomos para o campo. Enquanto organizávamos tudo a chuva parou. Rimos do gramado molhado, mas mesmo assim continuamos, sentamos no chão e começamos a gravar. A medida que a pandorga estava sendo feita conversávamos sobre o tema do Movimento e os meninos entenderam a relação que eu estava tentando fazer com a pandorga, que aos poucos eles mesmos faziam essa relação em seus depoimentos. Como eu já tinha gravado todo o material de externa, todos os depoimentos com as crianças nas ruas, eu pude conduzir a conversa com os meninos do Movimento da forma que eu esperava para o trabalho posterior de edição, criando assim o fio condutor de toda a narrativa.

O Último Dia de Externa

Eu já estava no terceiro dia de edição. Um trabalho que foi feito com o pessoal da Trinta Por Segundo (Produtora), no bairro do Estreito. Eu estava tentando organizar todos os depoimentos e imagens gravados em 19 fitas, quando, às 4 horas da tarde, recebi um telefonema de Carla Cardoso do Conselho Tutelar e a notícia de que o menino que eu tinha encontrado no primeiro de gravação, dormindo na calçada, estava lá. Eles tinham encontrado a mãe dele em Paranaguá e ela tinha vindo buscá-lo. Os dois estavam indo embora e o ônibus sairia às 5 horas. A minha decisão tinha que ser naquela hora (pra variar sem muito tempo para pensar). Pedi então que eles esperassem um pouco para que eu chegasse lá. Na correria solicitei algumas horas de externa para a produtora (era o equipamento mais próximo que eu tinha). Eles se prontificaram a me ajudar e seguimos para a Agronômica onde o menino e a mãe estariam me esperando. Quando cheguei no Conselho Tutelar, Wellington (que não é Wellington) me reconheceu. Ele era uma outra criança. Sorridente e um pouco constrangido ele logo foi falando: “É aquela moça da televisão de novo”. Ele concordou em gravar outro depoimento. Desta vez as frases eram completas. Contou que tinha 11 anos, que estava 8 meses e nove dias fora de casa e que tinha vindo de carona. A mãe de Wellington também concordou em gravar entrevista. Em quinze minutos estava tudo pronto e os dois seguiam viagem. E eu voltava à sala de edição com um novo material na mão.

A princípio não tinha certeza se usaria os depoimentos, mas depois de reorganizar o roteiro acreditei que seria uma forma de mostrar um caminho para uma realidade tão cruel que tinha encontrado em toda a trajetória das gravações. Mesmo que esse caminho não seja tão certo e seguro (como eu tento mostrar no documentário).

Vale registrar aqui como depoimento final nesse meu relatório que todos os dias de gravações aconteceram com céu nublado ou com chuva. Percebe-se isso nas imagens, principalmente das pandorgas voando contra um céu cinza, branco, nublado. Acredito que isso valeu para o propósito do documentário.

A Escolha da Trilha

Gostaria de fazer um registro também para a escolha da trilha sonora. Quando escrevia o primeiro projeto, o do curta metragem eu observei várias vezes que as pandorgas no céu pareciam desenvolver uma dança e que a música clássica se enquadrava perfeitamente para pontuar esse ballet. Relacionando a pandorga com a realidade dos meninos e meninas que estão nas ruas, essa dança no céu não segue um ritmo muito alegre.

A escolha de Bach como trilha principal não é conveniência, e sim proposital. Entre 6 de Novembro e 2 de Dezembro de 1717, conta a história, Bach foi mantido prisioneiro por seu Tutor (mecena), o Duque Wilhelm Ernst, em Weimar, quando ele descobriu que o compositor tinha aceitado uma nova posição em Cöthen sem consultá-lo. Nesse período de aprisionamento Bach compôs seis sonatas para violino. Uma delas a Sonata No 1 – Adágio, utilizada no documentário. Vale salientar um fato interessante da história que fala sobre o título da composição de Bach: “Sei Solo”, que estaria gramaticalmente incorreto e poderia significar desta forma “I am the One” (Estou sozinho).

A Segunda música utilizada, “Menino de Rua”, vem de Belo Horizonte. Tenho consciência de que essa música não tem a mesma grandiosidade de Bach, mas ela serviu ao propósito de uma parte do documentário. A composição faz parte da coletânea de Villa Lobos e foi feito um arranjo, com letra e música de Silva Nôvo. A música é interpretada pelo Coral dos Curumins, de meninos e meninas de rua de Belo Horizonte, coordenado pelo Maestro Dejanir. Em um contato com o Maestro, falei sobre o projeto e ele logo se prontificou a me mandar uma fita gravada pelo Coral. A fita foi gravada sem as mínimas condições técnicas, mas a letra me chamou a atenção. Conversei com Leniete Couto, do Coral das crianças do Monte Verde e uma menina de 12 anos aceitou o convite para gravar a música “Menino de Rua”, em um estúdio adequado.

A Capa e a Abertura do Vídeo

Durante o trabalho de pesquisa de campo encontrei, com o Grupo de Abordagem de rua, um desenho de William Barbosa de Araújo. Uma casinha, céu e alguns pássaros. Eu tinha certeza de que deveria usá-lo, de alguma maneira, em meu projeto. Conversei então com a artista plástica Juliana Hoffmann (minha irmã) que concordou em elaborar um outro desenho, seguindo os mesmos traços do original mas que fizesse alguma referência a meninos de rua e a relação com a pandorga. O trabalho ficou muito bonito e foi utilizado como uma transparência sobre o desenho de William.

Para o vídeo a minha idéia era continuar utilizando o desenho do menino. Pensei, quando já estava editando, em fazer uma animação para a abertura. Numa 3ª feira fiz a proposta novamente para Juliana: fazer alguns desenhos de um menino entrando em quadro, empinando uma pandorga, sobre o desenho de William. “Tudo bem”, foi a resposta dela, “mas pra quando?”. A pressa era minha, pois já estava com a edição em andamento e precisava colocar a abertura. “Para amanhã”, foi a minha resposta. Ela apenas riu, mas aceitou o desafio. Fez cerca de 60 desenhos para a sequência do menino entrando em cena e mais 10 desenhos diferentes do fundo para dar a idéia de movimento. Com os desenhos prontos foi a vez de Valdir (da TPS) trabalhar no computador e dar movimento à eles. Resultado: A abertura do vídeo.

A edição

Um capítulo a parte nessa trajetória. Com o material bruto nas mãos, procurei a Trinta Por Segundo e fechamos um pacote para edição. Numa quarta-feira eles fizeram a cópia do material em VHS para que eu pudesse fazer a decupagem em casa. O único detalhe é que tínhamos marcado o início da edição para 6ª feira. Consegui olhar o material e elaborar uma pequena parte do roteiro. O restante foi feito a medida que caminhávamos com a edição. Em função disso o que era para ser feito em 40 horas de edição, levou mais de 50 horas, até porque – como foi dito anteriormente – algumas externas surgiram enquanto acontecia a edição do material.

Projeto Inicial
Roteiro para Curta Metragem

PROJETO EXPERIMENTAL "A PANDORGA"

Segundo informações de instituições ligadas ao menor em Florianópolis (Grupo Pandorgas Partidas), nos últimos dois anos cerca de oito (8) crianças morreram nas ruas da capital. Eram menores carentes que sofreram o preconceito, enfrentaram as dificuldades das ruas e não tiveram a oportunidade de crescer.

Esse número representa para Florianópolis, uma capital com aproximadamente 350 a 400 mil habitantes, uma triste realidade e, já há algum tempo, fez com que a cidade perdesse o título de capital mais pacata do país. Quem sempre viveu aqui lembra de uma cidade tranqüila, com suas crianças nas escolas. Hoje elas estão aí, nas ruas, nas praças e sinaleiras. De quem é a responsabilidade? Se encarmos o problema de uma forma particular, a responsabilidade não é de ninguém especificamente, mas se olharmos por um ângulo mais amplo essa realidade diz respeito a todos.

Os problemas que envolvem a dura realidade dessas crianças estão diretamente relacionados a má distribuição de renda, o desemprego dos pais, que fazem com que os filhos procurem nas ruas uma forma de sustento como a esmola e a desqualificação profissional desses adultos que, por falta de algum tipo de especialização, não se enquadram no mercado de trabalho. Além disso, pode-se incluir nessa lista de responsabilidades o despreparo de algumas instituições que lidam diretamente com o assunto.

Para mudar essa realidade todos podem desempenhar um papel importante. As administrações municipais e estaduais com seus programas específicos de atendimento à comunidade carente, seja na área social ou econômica. As Instituições não governamentais no atendimento direto à essas comunidades, com os seus profissionais capacitados e garantindo orientações sobre as mais variadas áreas. Coloco ainda nessa relação o papel do jornalismo, que desempenha importante função de pesquisas e divulgação da realidade que envolve as comunidades carentes.

E é dentro desse perfil que se encaixa o projeto "A Pandorga". O projeto prevê a realização de um vídeo contando a história de William Barbosa de Araújo, um menino de rua de 11 anos que morreu eletrocutado em março de 1998. O pai de William, um letreiro que pintava placas, viu sua atividade perder espaço diante da evolução tecnológica que vive a cidade. Sem outra especialização, sem emprego, ele não conseguia garantir o sustento da família. O filho, sem a estrutura familiar necessária para seu desenvolvimento, passa a freqüentar as ruas da cidade. O menino, que gostava de artes, enfrenta os problemas que surgem para quem está nas ruas, vivencia situações de risco, experimenta drogas e acaba morrendo eletrocutado em uma árvore de natal, que enfeitava o jardim de uma casa em Canasvieiras.

A história de William serve de exemplo para ilustrar a história de várias outras crianças, que hoje ainda vivem nas ruas. A realização do vídeo servirá para dar início a uma campanha de conscientização da população para essa dura realidade. Essas crianças, que algumas vezes são vistas como pequenos marginais, mas que enfrentam uma difícil realidade de falta de oportunidades.

A PANDORGA

Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Comunicação Social/jornalismo
Disciplina: Técnica de Projetos
Professora: Sônia Maluf
Aluna: Isabela Hoffmann Dummer

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO
DISCIPLINA : COM 5708 – TÉCNICA DE PROJETOS
Professora: Sônia Maluf
Aluna: Isabela Hoffmann Dummer

PLANO INDIVIDUAL DE PROJETO EXPERIMENTAL

Título do projeto: “*A Pandorga*” (título provisório)

Aluna responsável: Isabela Hoffmann Dummer

Natureza do projeto: Documentário

Suporte do projeto: Vídeo e Fotografia

Sumário:

O projeto “*A Pandorga*” pretende tratar da realidade dos meninos e meninas de rua de Florianópolis, partindo da experiência de vida de uma criança que passou a maior parte da infância, ou toda ela, mendigando e tendo o banco de uma praça como cama. O vídeo usará os recursos da narrativa ficcional para contar a história de William Barbosa de Araújo, um menino de rua de 11 anos, que morreu eletrocutado em 1998.

Como William, várias outras crianças foram vítimas do descaso e preconceito. Mário, Jean e Marcos são apenas algumas dessas crianças que não tiveram a oportunidade de crescer.

Partindo do singular para uma realidade que atinge milhares de meninos e meninas de rua de todo o país, o vídeo pretende mostrar o lado humano e “infantil” dessas crianças, assim como o amadurecimento forçado e precoce, desmistificando a imagem da violência e agressividade que cerca esses personagens do nosso cotidiano.

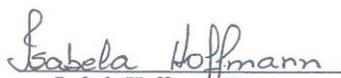
Instituições envolvidas e equipe:

Este trabalho será realizado no curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, no Laboratório de Vídeo Educativo, com o apoio do Laboratório de Estudos de Comunicação - LEC, do Centro de Educação da UFSC - CED, do Grupo Pandorgas Partidas e Grupo Mover. Busca ainda apoio da Prefeitura Municipal de Florianópolis, da Rede Brasil Sul de Comunicação e do Governo do Estado.

A equipe é composta por uma acadêmica responsável pelo roteiro, pela pré-produção, produção, direção, edição e finalização do vídeo: Isabela Hoffmann Dummer; uma assistente de direção; um câmera; um editor de pós-finalização; um fotógrafo e do professor e orientador José Soares Gatti.

Semestre programado para a realização : 99.1

Custos : O vídeo está orçado em, aproximadamente, R\$ 7.380,00


Isabela Hoffmann Dummer


José Soares Gatti

Introdução

O projeto “A Pandorga” objetiva a realização de um vídeo ficção, baseado em história real, acompanhado de ensaio fotográfico, sobre a realidade de meninos e meninas de rua de Florianópolis. Tentar mostrar e compreender em que contexto vivem essas crianças, já forçosamente “adultas”.

Muito se tem estudado e escrito sobre essa realidade¹. O trabalho desses pesquisadores, educadores, psicólogos ou orientadores educacionais, que está à disposição do público, na forma de livros, teses ou dissertações, deixa clara a necessidade de se fazer mais, de discutir mais e continuar questionando esse tema que aponta a responsabilidade para o preconceito, discriminação e descaso da sociedade de uma forma geral.

A infância e a adolescência pobre, no Brasil, têm provocado muitas campanhas, programas e projetos que vêm sendo realizados, tanto pelas organizações não governamentais, quanto pelas governamentais, desde a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, aprovado pelo Congresso em 1990.

Pelo Estatuto, toda criança tem direito à moradia, alimentação adequada, estudo e lazer. Mas não é o que se percebe quando se passa algum tempo acompanhando o dia a dia de algumas das crianças pobres que têm a rua como seu espaço de vida e aprendizado. E foi o que fez a educadora Patrícia de Moraes Lima²

“A imagem socialmente construída sobre essas crianças e adolescentes oscila entre uma posição em que são, ora compreendidas como vítimas de um processo de exclusão, ora como incorporando o perfil de bandidos, marginais”.

O objetivo do vídeo “A Pandorga” é abordar esse tema de forma crítica. Mostrar essa parcela de nossa sociedade que, desprovida de direitos de cidadania, vive em condições de pobreza e miséria. Essa parcela da sociedade que estará representada na figura de um personagem principal. Através da história de William Barbosa de Araújo, 11 anos, pretendemos contar a história de centenas de crianças, que vivem nas ruas de Florianópolis. Uma história que se repete no contato com as drogas, com a criminalidade, com o desprezo, mas também nos sonhos, fantasias e brincadeiras de criança.

¹ Dimenstein, Gilberto. *A Guerra dos Meninos: Assassinatos de Menores no Brasil*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Fausto, Ayrton & Cervini, Ruben. *O trabalho e a rua: Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1991.

² Patrícia de Moraes Lima. *A Ciranda da Rua: Um estudo sobre a organização dos meninos e meninas que vivem nas ruas em Florianópolis*. Uma dissertação de mestrado, CED - UFSC

São crianças que, na teoria, têm garantido os seus direitos, mas que na prática conhecem apenas o dever da sobrevivência. E para essa sobrevivência nas ruas, eles estabelecem suas próprias regras, se organizam em grupos, disputam espaços e liderança, mas ao mesmo tempo são cúmplices, companheiros e solidários uns com os outros.

Através da história de William e seu relacionamento com a amiga Carla (personagem de ficção), o vídeo pretende mostrar os aspectos de um ser humano em desenvolvimento. Um ser humano que lida principalmente com a falta de uma outra opção de vida.

Uma opção que poderia ser oferecida pelas Instituições que tratam do assunto, mas até 1996³, em Florianópolis, existiam apenas dois programas oferecidos pelo Poder Público Municipal, direcionados ao atendimento dessas crianças e adolescentes: Albergue Santa Rita de Cássia e Casa da Liberdade. No Albergue as crianças se alimentavam e passavam a noite e na Casa da Liberdade eram oferecidas oficinas pedagógicas visando a profissionalização. Em 1997⁴ o Albergue Santa Rita de Cássia foi fechado.

³ Gestão da Frente Popular na Prefeitura de Florianópolis.

⁴ Início da gestão do Partido Progressista Brasileiro (PPB)

Problemática

“William não era um menino de rua. Ele era muito criativo. Ele era um artista”. Assim define a educadora Maristela Fantin, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, quando fala do menino de 11 anos que vivia nas ruas de Florianópolis.

Alguns professores e alunos da Universidade, coordenados por Maristela, trabalham com meninos e meninas de rua há cerca de dez anos e foi a história de William Barbosa de Araújo – 11 anos, como a de algumas outras crianças, que despertou o interesse e a simpatia do grupo.

William não era órfão. Tinha pai, mãe e irmãos, que moravam em uma casa simples no Balneário de Canasvieiras, em Florianópolis. Mesmo assim, o menino de 11 anos buscou nas ruas uma alternativa de vida.

Muitas vezes a saída de casa tem a ver com as formas de violência sofridas nesse ambiente, com a pobreza e com um certo desprendimento das relações. “Minha mãe me manda pedir dinheiro na rua, se eu volto sem, ela me bate, ela me dá uma surra”, se queixou Daniel, um menino de 10 anos que fica nas imediações do Shopping Beira Mar, no centro de Florianópolis.

A falta de estrutura familiar é outro convite à vida nas ruas. O menino Daniel afirma que não tem pai e a figura forte da mãe está relacionada à violência.

Uma pesquisa realizada pela educadora Patrícia de Moraes Lima⁵ mostra que esses meninos ou meninas de rua “nem sempre viviam no núcleo da família (pai, mãe e irmãos), mas, na maioria das vezes, quando pequenos, foram criados por parentes, tais como tios, tias ou avós”.

A educadora Maristela Fantin, que realizou uma pesquisa sobre a vida de William Barbosa de Araújo, 11 anos, garante que “ele, algumas vezes, por algum motivo, dormia na casa da avó, mas logo voltava pras ruas”.

Outro aspecto constatado é o contato dessas crianças, desde cedo, com as drogas que, na maioria dos casos, se torna inevitável. O fato de estar nas ruas, deparar com as dificuldades e desafios que essa situação impõe e ter que superá-los é o que, seguramente, os leva ao consumo.

⁵ Patrícia de Moraes Lima. A ciranda da rua: Um estudo sobre a organização dos meninos e meninas que vivem nas ruas em Florianópolis. Dissertação do curso de Mestrado, CED, UFSC, 1997.

A vida nas ruas leva à uma outra situação: diretamente relacionada às drogas está a criminalidade. A prática do roubo passa a ser inevitável como forma de garantir a alimentação necessária ou o sustento das drogas.

Para documentar e alertar para essa situação e todos os problemas e dificuldades que circundam o mundo dos meninos e meninas de rua é que se propõe a realização do projeto (vídeo) "*A Pandorga*"

Muito tem sido feito, como foi dito anteriormente, no sentido de denunciar essa difícil realidade, e o vídeo "*A Pandorga*" se propõe a ser mais um instrumento nessa campanha, utilizando uma linguagem diferente.

Partindo de uma história singular, a história de William Barbosa de Araújo, para falar de um assunto que se propõe universal.

Objetivo Geral

Apresentar de uma forma diferente, utilizando recursos da linguagem ficcional, a realidade dos meninos e meninas de rua de Florianópolis. Uma realidade que poucos conhecem. A intenção do vídeo é valorizar a imagem dessas crianças enquanto pessoas em desenvolvimento que sonham, têm fantasias, mas que enfrentam, ao mesmo tempo, uma realidade difícil. Alertar as pessoas, que “tropeçam” diariamente nesse problema e que muitas vezes acham que é responsabilidade de outros.

Objetivos específicos

- a) Servir como instrumento de possíveis campanhas que possam vir a ser realizadas sobre a realidade de meninos e meninas de rua.
- b) Contribuir para a reflexão sobre essa realidade, alertando a sociedade sobre o problema
- c) Provocar o questionamento e discussões junto aos grupos que buscam a solução para o problema
- d) Tentar encurtar a distância que existe entre a população e esse segmento marginalizado da sociedade.
- e) Exibir o vídeo e as fotos em escolas, festivais, veículos de comunicação e associações comunitárias, explorando o seu caráter informativo e educativo.

Justificativa

O tema “Meninos e Meninas de Rua” sempre esteve presente nesse período de quase dez anos que trabalhei como jornalista em três emissoras de TV de Santa Catarina.

Seja na cobertura de pautas factuais ou matérias produzidas sobre as comunidades carentes de Florianópolis, essas crianças estavam sempre presentes, ora como sujeitos do fato ora como simples observadores.

Essa rica experiência me deu a oportunidade de trabalhar assuntos como desemprego, saneamento básico, falta de moradia, drogas, etc.

Mesmo sendo uma experiência positiva, meu relacionamento com o tema ainda era superficial, pois – como se sabe – o trabalho em um telejornal não nos dá a oportunidade, nem espaço, para que o assunto seja abordado de forma mais aprofundada.

Mais tarde, enquanto assessora de imprensa na campanha de um dos candidatos à prefeitura de Florianópolis, tive a chance, mais uma vez, de encontrar com essas crianças, mas de uma forma diferente. Nessa oportunidade presenciei situações e me deparei com problemas que a imprensa diária não chega a reportar.

Percebi então que, por trás da dura realidade que se acompanha diariamente nos jornais ou telejornais, existe muito mais: um mundo rico de sonhos, fantasias e medos.

Hoje, enquanto formanda do curso de jornalismo da UFSC, tenho a oportunidade de trabalhar com o tema de uma forma diferente de todas que fiz até hoje, na tentativa de reportar esse mundo de sonhos, fantasias e medos.

Como meu objetivo era o de realizar, como projeto final de curso, um vídeo que tratasse de um assunto real numa linguagem diferente, a da ficção, foi inevitável conciliar esses dois interesses: a proposta do projeto de um vídeo ficção e o tema “meninos de rua”.

Por isso a idéia de realizar um amplo trabalho de pesquisa sobre a realidade de meninos e meninas de rua de Florianópolis. A partir dessa pesquisa escolher um personagem que pudesse representar esse setor da sociedade marginalizado e que aqui passa a ser tratado de forma carinhosa como “*A Pandorga*”, em homenagem ao trabalho do grupo, de mesmo nome, que realiza várias ações em prol dessas crianças.

Depois de definido o tema, durante o trabalho inicial de pesquisa, entrei em contato com algumas pessoas do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina que realizam vários trabalhos com os meninos e meninas de rua de Florianópolis. O relato dessas pessoas me deram mais certeza da necessidade de realização de um projeto como o “Pandorgas Partidas”.

Equipe e Instituições envolvidas

Equipe:

Pesquisa/ Produção/ Roteiro/ Direção e Edição:
Isabela Hoffmann Dummer

Assistente de direção:
a contratar

Câmera:
A contratar

Iluminador:
a contratar

Técnico de som:
a contratar

Atores:
a contratar

Fotógrafo:
a contratar

Editor de Pós-produção:
a contratar

Orientadora (etapa de pesquisas):
Gilka Girardello

Orientador (etapa de produção, roteiro e direção):
José Gatti Soares

Instituições envolvidas:

Universidade Federal de Santa Catarina

Laboratório de Vídeo Educativo

Laboratório de Estudos de Comunicação da UFSC - LEC

Centro de Educação da UFSC – CED

Grupo Pandorgas Partidas
Grupo Mover

Cronograma

Março/Abril

- Pesquisas de campo
- Definição de roteiro
- Estudo de locações
- Pré-produção

Mai

- Definição de elenco e locações
- Pesquisa de trilha sonora

Mai/ Junho

- Gravações

Junho/ Julho

- Edição do material
- Finalização e Pós-produção

Final de Julho

- Exibição e defesa

Sinopse

O vídeo "*A Pandorga*" conta a história de William, um menino de onze anos que viveu e morreu nas ruas de Florianópolis. Mesmo trabalhando com dados reais. O vídeo, que retrata a vida de William, não se pretende realista. Muita coisa já foi feita na tentativa de mostrar a realidade que essas crianças se encontram em todo o país.

A idéia aqui é mostrar o outro lado, o lado dos sonhos de um menino de rua. Sonhos esses que ele, neste vídeo, divide com a amiga Carla, uma menina pobre de dez anos que acompanhou de perto parte da trajetória de William. Carla, personagem ficcional, conseguiu sobreviver às ruas. E é a partir de seu olhar que essa história é contada.

William representa a realidade de milhares de meninos e meninas de rua em todo o país. Carla representa a possibilidade dessa realidade ser mudada.

William tinha pais, um irmão e avó. Mas nenhum deles conseguiu viajar na fantasia do garoto que buscava a liberdade no vôo de uma pandorga solta no ar. Ele morreu eletrocutado em um fio da alta tensão quando tentava colocar seu sonho em prática.

Lista de personagens

1ª Fase:

Crianças – de idades variadas

Adultos – vários, que participam, junto com as crianças, de um festival de pandorgas.

Professora Marta – cerca de 45 a 50 anos, branca, se veste de maneira simples.

Denise – jornalista, tem cerca de 30 anos.

Carla – menina simples, branca, 15 anos

2ª Fase:

William – garoto pobre, negro, de 11 anos, que vive nas ruas

Carla – amiga de William. Menina pobre, branca, 10 anos, que também vive nas ruas

Feirante - homem de cerca de 40 anos, gordo e agressivo

Pai de William – homem de cerca de 40 anos, negro, envelhecido pela situação de vida que leva

Mãe de William – mulher de aproximadamente 35 anos, negra, envelhecida pela situação de vida que leva

Irmão de William – menino de 7 anos, negro

Menino de rua 1

Menino de rua 2

Menino de rua 3

Prostitutas – 2 ou 3

Policial

Crianças – uniformizadas. De um colégio particular

Homem – guarda do Albergue. Senhor de aproximadamente 50 anos. Rosto marcado pelo tempo.

Crianças – meninos e meninas que participam das atividades no Albergue.

Mulher – cerca de 40 anos com ar de professora.

Homem – Jovem com cerca de 20 anos que orienta as crianças na confecção do boi de mamão.

Argumento

A Pandorga

Contra o céu azul, movimenta-se uma dezena de pandorgas coloridas e de vários tamanhos. Vê-se que há algo escrito em cada uma delas, mas não se identifica o que. Ouve-se uma música calma, tranqüila. (música apenas instrumental (clássica, talvez). Uma dessas pandorgas começa a cair lentamente, até parar no chão e se quebrar. Vê-se então um nome escrito nela. A caligrafia parece de criança, mas lê-se com nitidez o nome "William".

Aos poucos aproxima-se da pandorga a mão de uma pessoa. Identifica-se que é a mão de uma jovem pelo uso de um anel simples, daqueles comprados em camelôs. A mão é pequena e maltratada. Com carinho, ela (a mão) recolhe a pandorga do chão.

Vê-se a jovem que segura a pandorga. Ela é branca, tem cerca de 17 anos e é de beleza simples. Cabelos castanhos, sem corte e quebrados nas pontas. Ela usa uma camiseta cinza, calça jeans e uma sandália simples. A menina olha para a pandorga em sua mão e então para o céu, onde as dezenas de outras pandorgas parecem brincar com o vento. E novamente vê-se a pandorga quebrada nas mãos da menina.

Ouve-se um burburinho de vozes e se percebe uma certa movimentação no ambiente.

É uma praça e há um movimento intenso de pessoas. São adultos e crianças que se revezam na confecção de pandorgas e no trabalho de empiná-las. Alguns olham para o céu, outros se preocupam com os fios que controlam as pandorgas.

Uma mulher se movimenta de um lado para outro, se aproxima dos grupos, aparentemente dando orientações. Em um desses grupos, formado praticamente por crianças que estão sentadas no chão confeccionando pandorgas, a mulher se abaixa e começa a ajudar.

Se aproxima então do grupo uma outra mulher, bem vestida. Ela se apresenta para a professora Marta, coordenadora do evento. A mulher que se aproxima do grupo é jornalista e faz a cobertura da matéria para um jornal local.

A professora Marta explica que o festival de Pandorgas foi organizado pelo grupo em homenagem à William, um menino de rua que morreu sem chances de receber atendimento. A professora apresenta para a jornalista, a menina que está com a pandorga quebrada na mão, Carla, que viveu nas ruas e foi amiga de William. A jornalista parece surpresa. Mas é a jovem que conta a história de William, com o olhar de quem viveu os mesmos problemas e como alguém que conhece os sonhos e as fantasias de quem vive quase sem rumo nas ruas da cidade.

O dia ainda não clareou totalmente. A cidade ainda está quieta. Ouve-se apenas o soar dos sinos de uma igreja (Catedral, no centro da cidade) Num canto escuro de uma rua estreita (próximo a catedral), iluminada apenas pela primeira claridade do sol, está um amontoado de cobertor velho, que começa a se mexer.

O menino tira a coberta do rosto, que antes o cobria totalmente, e estica os braços. William é um menino de rua, negro e tem onze anos de idade. Ele veste uma camiseta branca suja e um calção escuro comprido e gasto nos joelhos. Uma voz de garota o chama e ele percebe Carla se aproximando dele. Carla tem dez anos, é branca e usa um vestido simples de florzinha. O vestido parece sujo e é de um tamanho maior que a menina. O cabelo dela, castanho, está meio despenteado. Os dois conversam, brincam e riem.

É dia de feira no centro da cidade. William e Carla se aproximam das barracas dos feirantes, que olham para eles com desconfiança. Os dois andam pela parte de trás das barracas. No chão estão vários caixotes com frutas e verduras estragadas, que não servem para venda. Se alimentando em um desses caixotes, está um cachorro magro e maltratado. Carla e William fingem que brincam com o cachorro e tentam pegar algumas frutas. O dono da barraca percebe os três e os expulsa dali, gritando e xingando. Carla e William fogem, levando com eles algumas coisas que conseguiram catar nos caixotes. No caminho, rindo do que aconteceu, eles dividem o que conseguiram.

As ruas da cidade começam a ficar mais movimentadas. Já é perto do meio dia e as duas crianças estão em uma sinaleira pedindo dinheiro para os motoristas que param diante do sinal vermelho. Com alguns, eles conseguem algum trocado, com outros, eles recebem cara feia e conselhos para que voltem para casa. Para esses, William responde com um sacudir de ombros e rapidamente dá as costas. Outros fecham os vidros do carro quando percebem a aproximação de William.

No final de tarde, William e Carla estão sentados em um banco de praça e contam os trocados, as poucas moedas que receberam. Carla fala de um vestido novo que vai ganhar da tia. Ela diz que foi a patroa da tia que deu, pois a filha não usava mais. William parece distraído e não presta atenção no que a amiga está falando. Ele sacode as moedas nas mãos e olha para o céu. William vê uma pandorga distante balançando no vento. Ele sorri. De repente a pandorga se solta e se afasta, ficando cada vez menor.

Já é noite. Em uma esquina, ao longe, um grupo de meninos e meninas de rua está conversando. Eles parecem agitados. William e Carla estão junto ao grupo. Um dos meninos comenta com o grupo a morte de um outro amigo. Ele conta que o menino estava dormindo em um banco num ponto de ônibus em canasvieiras e um grupo de jovens ateou fogo ao banco. William acompanha atento e assustado a descrição da cena. De repente um outro menino se aproxima do grupo correndo. Eles dividem alguma coisa entre si. Um deles olha em volta e todos percebem que algumas pessoas estão olhando. Eles então se despedem rapidamente. William e Carla, que saem juntos, não comentam a morte do menino em canasvieiras. Eles apenas se olham assustados. Carla está com os olhos vermelhos.

Numa casa pobre, num bairro de periferia da cidade, uma TV está ligada. No noticiário, o jornalista fala da situação de desemprego que o Brasil passa. É a casa dos pais de William. Os pais estão em uma sala pequena, que serve também como cozinha. Ele (pai de William) comenta, ironicamente, a notícia da TV e fala de sua

própria situação. Pela casa vê-se alguns potes de tinta e alguns pedaços de madeira pintados de branco e outros já com algumas inscrições. O pai de William é letreiro. Mas ele comenta com a esposa que quase não tem pedidos. Os dois acabam discutindo. Eles falam sobre a falta de dinheiro, a falta de comida, o desemprego e o fato de William viver nas ruas.

Pela janela, escondido dos pais, William acompanha a discussão. Ele dá a volta e entra, pela janela dos fundos, no cômodo que serve de quarto para ele, o irmão mais novo e os pais. Quando entra, o irmão, que já está deitado, se assusta. William, com a mão próxima da boca, pede silêncio. Ele se esgueira pelo quarto e começa a procurar alguma coisa. O menino pega uma blusa e, antes de sair, ele deixa as moedas que conseguiu sobre uma mesa perto da porta. William então sai pela janela por onde entrou. Ele se afasta da casa pela rua estreita e escura da favela.

Na principal praça da cidade (Praça XV), o movimento já não é tão intenso e a iluminação é pouca. Apenas algumas pessoas ainda circulam pelo centro. Garotas de programa desfilam em uma das esquinas da praça a espera de clientes. William passa por elas e caminha para o centro da praça. Ele está cabisbaixo e distante e não percebe que uma delas brinca com ele. Ele também não percebe Carla que está sentada em um dos bancos da praça. Ela tenta chamar a atenção do amigo, mas em vão. Carla deita no banco novamente. William segue caminhando cabisbaixo e chega à um beco. No beco sujo estão várias caixas de papelão jogadas. Ele senta no chão e esconde a cabeça entre os joelhos.

O dia já está clareando. Uma pandorga está distante, “voando” no céu. Ela começa a se aproximar, até tomar conta de toda a tela, que fica escura. William acorda assustado. A amiga Carla está de pé perto dele e seu corpo faz sombra sobre William. Ela o chama e debocha do susto do amigo. Os dois riem e saem andando pelas ruas da cidade, conversando e brincando com quem passa. Em um cesto de lixo, William começa a vasculhar, mas não encontra nada.

William está decidido a fazer uma pandorga. Ele comenta com a amiga o seu projeto. Os dois estão em uma sala cheia de crianças e alguns adultos. Algumas crianças estão sentadas no chão acompanhando uma história contada por uma mulher. Outras se envolvem na confecção de um boi de mamão. William e Carla se encontram nesse segundo grupo que é coordenado por um jovem de aproximadamente 25 anos. Enquanto mexe em alguns panos, William fala com Carla sobre a pandorga. O jovem que coordena o grupo comenta a habilidade de William com trabalhos manuais. Todas as crianças do grupo debocham – em tom de brincadeira – do elogio do professor e brincam com o amigo William. Os trabalhos seguem então em silêncio, marcados apenas por uma música suave que toca em um daqueles aparelhos de som portátil. No final do dia todos já estão guardando o material e William e Carla saem do prédio. Sobre a porta por onde os dois saíram lê-se, em letras grandes mas um pouco apagadas, “Albergue Municipal”.

Na casa dos pais de William, do lado de fora perto da porta, o pai está abaixado pintando uma placa. Consegue-se identificar a palavra “Albergue”. O menino se aproxima, comenta o sonho que teve e pede ajuda ao pai para fazer a pandorga. O pai não se levanta e nem mesmo olha para o menino. Apenas fala, entre uma tragada e outra do cigarro, que está ocupado demais para as brincadeiras de criança. O menino insiste e o pai acaba falando em tom alto e agressivo. William se afasta cabisbaixo.

William e Carla estão juntos e caminham pelas ruas da cidade.

Algum tempo depois, em um dia de vento sul, final de tarde (início da noite) William e Carla sobem um dos morros mais altos da cidade e lá em cima William brinca com o vento. Ele abre os braços e a parte da frente da camiseta se cola no corpo franzino do menino e a parte de trás se enche com o vento. Ele fala para a amiga que esse abraço ao vento parece a mesma sensação de uma pandorga solta no vento. Começa a chover. Os dois procuram abrigo no prédio onde costumavam ocupar algumas tarde com trabalhos manuais e que a noite servia de albergue, mas encontram as portas fechadas. O prédio é grande e antigo. Ouve-se o barulho de várias portas se fechando diante dos dois quando começa a chover forte. Por trás da cortina de chuva consegue-se ler a placa "Albergue Municipal". Surge então um senhor enrolado em um cobertor. Ele vem de trás do prédio e informa aos dois que o local foi fechado. William e Carla estão encharcados. William ainda tenta ver por uma janela. Ele se apoia em uma pedra e através do vidro quebrado consegue-se ver o interior do prédio. Uma sala grande com algumas caixas jogadas em um canto, algumas camas (umas quebradas outras inteiras) e alguns cobertores velhos. Ouve-se risadas de crianças, alguns gritos de adultos, outras risadas. Aos poucos (fusão) vê-se o movimento das crianças no dormitório. Uma imagem rápida, que logo se apaga.

William está dormindo em uma cama simples, na casa da avó, que mora sozinha. Quando ele acorda, a avó chama a atenção do menino pelo fato de ficar nas ruas. Os dois brigam e William sai, sem antes pedir pra avó um tubo de cola, linha e papel. A avó consegue pra ele alguma coisa: um tubo de cola, já bastante usado e no final e uma linha grossa ou um pedaço de lã velha, resultado do desmanche de um blusão. Ele pega uma sacola plástica, dessas de supermercado e sai correndo, deixando a avó aos gritos na porta.

Numa praça, William começa a mexer no material que tem e a falar, em voz alta, o que falta. A amiga Carla chega, olha o material e os dois conversam sobre os planos de William, mas a fome e a necessidade de conseguir alimento interrompem a conversa. William recolhe tudo e guarda embaixo do banco da praça, num lugar escondido.

É horário de saída do colégio (12:00). Numa pequena praça, o ambiente é bastante movimentado. William e Carla se misturam às várias crianças, que estão todas com uniformes de um colégio particular. As crianças estão bem vestidas, falam alto e riem. Sobre um banco, um material escolar (caderno e livros) chama a atenção de William, que aos poucos se aproxima. Ele começa a mexer no material, folheando o caderno (daqueles grandes, espiral). Um policial pega William pelo braço e começa a levá-lo embora, mesmo sob protesto do menino. William tem na mão algumas folhas do caderno que ele conseguiu arrancar antes do policial pegá-lo. Carla foge.

Mais tarde, Carla está sozinha na praça, onde ela e o amigo faziam a pandorga. Ela examina embaixo do banco, onde o amigo tinha guardado o material. Tudo estava lá ainda. William se aproxima da amiga, por trás. Ela leva um susto. Os dois sentam no banco e ele conta o que aconteceu na Delegacia de Menores, para onde o policial o levou. Mas ao mesmo tempo que reclama, ele mostra para a amiga, com orgulho, as folhas que arrancou do caderno. Ele pega o resto do material em baixo do banco e os dois se distraem com a brincadeira de confeccionar a pandorga. Mas ainda falta uma parte do material: as varetas.

Num terreno baldio, tomado pelo mato, Carla e William estão procurando algo. Ele encontra as varetas que precisava. Elas são desformes, algumas um pouco tortas. São pedaços de caule de uma vegetação qualquer, que William tira as folhas, limpa o galho com as mãos e sorri pra amiga. Ela mostra para o amigo o que encontrou: uma boneca velha e suja, sem uma das pernas, a qual ela acaricia.

A pandorga já está pronta nas mãos de William. Ela é desajeitada, torta, feita com os restos de materiais que o menino conseguiu juntar. O papel roubado do caderno, as varetas encontradas no mato, o resto de cola e da linha (lã) que a avó lhe deu.

No vôo de estréia, a dificuldade em fazer a pandorga subir ao céu. Mas William não desiste. Ele e a amiga estão num morro, numa favela. É um ambiente amplo. Existem alguns barracos e postes de luz improvisados, daqueles que os próprios moradores ajeitam para levar fios de iluminação para suas casas. O menino corre tentando fazer a pandorga voar. Ela ameaça erguer vôo, mas no caminho se prende em alguns fios de iluminação, bem próximo a uma árvore. O menino insiste. Ele sobe na árvore na tentativa de alcançar a pandorga. Ele consegue tocar na pandorga que começa a cair, mas ao mesmo tempo ele toca em um fio.

A pandorga cai lentamente no chão e se rasga. Ouvem-se risadas de crianças, enquanto passam caracteres sobre a imagem da pandorga.

“ Nos últimos dois anos, 8 crianças morreram em Florianópolis vítimas da violência das ruas e do descaso.

Eram meninos e meninas de rua que, assim como William, não tiveram a chance de crescer”.

FIM

Orçamento

Material sensível :

10 fitas Betacam - 60 min (cada) R\$ 72,74
05 fitas VHS - 40 min (cada) R\$ 2,56

Captação de imagens:(valor aproximado)..... R\$ 2.940,00

Edição e pós-produção :(valor aproximado)..... R\$ 2.500,00

Combustível /transporte : R\$ 700,00

Alimentação : R\$ 400,00

Roteiro/ Direção : Custo zero

Assistente de direção : Custo zero

Elenco: a contratar

Figurino : Custo zero

Fotógrafo : Custo zero

Filmes/negativos/revelações/ampliações :

10 (dez) filmes de 36 exposições R\$ 100,00

Total do Orçamento (aproximadamente) R\$ 7.380,00

Projeto para o Documentário
1º tratamento para o roteiro

ROTEIRO PARA DOCUMENTÁRIO

“A Pandorga: O Projeto de um vôo”

- Seq. 1** – Pandorgas no céu
Crianças brincando com as pandorgas, risos.
Cenário, no Morro da Caixa
- Seq. 2** – Depoimentos das crianças falando das pandorgas, falando das brincadeiras e das ruas
- Seq. 3** – Pandorga caindo – Ao fundo imagem da cidade, vista do Morro da Caixa.
Imagem da cidade se aproxima.
- Seq. 4** – Ruas estreitas da cidade.
- Seq. 5** – Menino caído no chão.
- Seq. 6** – Sino da Catedral. (Som e Imagem).
- Seq. 7** – Meninos nas ruas (centro da cidade)
- Seq.8** – Depoimentos desses meninos sobre estar nas ruas. (Eles brincam?, Do que brincam)
- Seq. 9** – Meninos em sinaleiras (pedindo dinheiro)
- Seq. 10** – Depoimentos dos meninos sobre pedir esmola (Para eles é trabalho?, Quanto conseguem?, quanto tempo ficam?)
- Seq. 11** – Menino leva equipe para conhecer onde mora e conhecer os pais dele.
- Seq. 12** – Depoimentos dos pais do menino (sobre desemprego, sobre o filho estar nas ruas)
- Seq. 13** (final de tarde) – Meninos nas ruas (não têm pais)
- Seq. 14** (noite)– Depoimentos desses meninos sobre as dificuldades e os problemas das ruas – Drogas, violência, dormir nas ruas.
- Seq. 15** (noite) – Trabalho do Grupo de Abordagem de rua. O Grupo recolhe os meninos que estão nas ruas e, dependendo da situação, eles levam a criança para a casa de passagem, para SOS Criança, encaminham para suas casas ou apenas tentam conversar.
- Seq. 16** – Depoimento do menino que é abordado na rua pelo Grupo.

Seq. 17 – Menino é levado para a casa de Passagem, onde passa a noite. (mostrar os dormitórios)

Seq. 18 – Depoimentos de meninos e meninas que dormem na casa de passagem

Seq. 19 – Meninos nas ruas

Seq. 20 – Depoimentos de meninos sobre amigos que morreram nas ruas (Sabe-se que nos últimos dois anos 8 crianças morreram nas ruas de Fpolis)

Seq. 21 – Depoimento de Seu Carlos do Movimento de meninos e meninas de rua de Fpolis. Ele conheceu William.

Seq. 22 – Na Comunidade Chico Mendes, Crianças confeccionando brincando. Depoimentos sobre o trabalho da Casa da Cidadania.

Seq. 23 – Depoimentos dessas crianças sobre o trabalho da Casa.

Seq. 24 – Na comunidade do bairro Monte Verde, o Coral das crianças.

Seq. 25 – depoimentos das crianças do coral.

Seq. 26 – Coral canta “Nessa rua”.

Seq. 27 – Cenas da cidade, rostos de crianças (as que foram entrevistadas no decorrer do documentário).

Obs: A trilha utilizada em todo o documentário deve ser o repertório com as músicas do “Coral dos Curumins”, de Belo Horizonte. É um coral que foi criado para atender meninos de rua daquela cidade e hoje compõe músicas cujo o tema é sobre crianças que estão nas ruas (Não poderia ser outro).

Roteiro final do Documentário

Roteiro

Música de Bach – Sonata No 1 para violino, Adágio. Acompanhando o movimento da pandorga

1) Abertura: Animação sobre desenho de William (TELA DE CINEMA)

- 1.1) detalhe da casa
- 1.2) nuvens com sol
- 1.3) pássaros (cerca)
- 1.4) nuvens
- 1.5) plano aberto
- 1.6) menino entra empinando uma pandorga
- 1.7) pandorga sobe até o céu
- 1.8) detalhe da pandorga voando

2) (Fusão) – Da pandorga da animação para pandorga real vermelha. (ABRE PARA TELA CHEIA)

Fita 14 – 25:03 – 25:18 (a imagem da pandorga real pode ser em slow, acompanhando a música)

3) (Fusão) – Para pandorga verde

Fita 14 – 24:16 – 24:26

4) (Fusão) – O mergulho da pandorga verde

Fita 14 – 24:27 – 24:41

5) (Fusão) – Jovem empinando pandorga no alto do morro

Fita 15 - 7:38 – 7:57 ou 8:10 – 8:17

6) Menino envergonhado, fala : “O que é uma pandorga pra ti? , “é uma pipa... (ri)”.

Fita 7 - 2:18 – 2:25

7) Pandorga vermelha

Fita 14

8) Menino empinando pandorga, fala: “é uma arte, uma cultura”

Fita 13 – 1:14- 1:18

9) Pandorga feita de plástico voando perto de fios – menino atrás do muro, pula o muro.

Fita 14 – 29:35- 30:00

Sobre essa imagem áudio em off (Udson)- “Eu acho que é um modo dela se divertir. Elas podem comprar pipa que vende ou fazer e soltar dentro de seu cercado”.

Fita 18 – 7:10 – 7:31 e 7:39 – 7:44

- 10) Pandorga no céu – Fita 14
- 11) Menino empinando pandorga, fala “Fazer é fácil..... depois colar na seda”
Fita 13 – 1:29 – 1:38
- 12) Menino com pandorga de plástico na mão.
Fita 15 – 00:16 – 00:21
- 13) Pandorga voando
Fita 13 – 2:17 – 2:33
- 14) Mão do menino controlando o fio, rosto do menino
Fita 13 – 3:00 – 3:15
- 15) Pandorga caindo, atrás do prédio
Fita 13 – 3:43 – 4:15

ENTRA EFEITO – TELA DE CINEMA – SÉPIA (COR) E CROOPING

- 16) Pandorga caindo no chão, pandorga caída no chão (slow) a mesma imagem de três ângulos diferentes
Fita 20 – 10:20 – 10:41

FUSÃO

- 17) Menino1 dormindo no chão -
Fita 1 – 1:57 – 2:08
- 18) Menino2 dormindo no chão-
Fita 1 – 5:26 – 5:30
- 19) Menino2 dormindo – detalhe cobertor
Fita 1 – 5:58 – 6:07
- 20) Pandorga caída no chão – criança pega a pandorga
Fita 20 – 10:20 – 10:41 (?)

FUSÃO

- 21) Policial acordando menino1
Fita 1 – 8:54 – 9:14

FUSÃO

- 22) Criança com pandorga na mão, fala “Parece que estragou tudo, mas tem concerto sim”
Fita 20 - 12:08 – 12:20 (?)
-

FUSÃO (PARA TELA CHEIA)

- 23) Menino2 saindo com cobertor na cabeça
Fita 1 - 9:18 - 9:21
- 24) Menino1 se espreguiçando (acordando)
Fita1 - 7:28 - 7:39
- 25) Áudio policial, "A princípio é só retirar do local, já que está atrapalhando uma área privada".
Fita 1 - 8:20 - 8:33
- 26) Menino2 acordando Menino1
Fita 1 - 9:27 - 9:35
- 27) Policial fala sobre relacionamento com os meninos "Alguns são educados.. outros"
Fita 1 - 11:19 - 11:26
- 28) Menino3 mostra rosto machucado e fala "Ele vê nós nas ruas, acorda nós, isso aqui foi cacete"
Fita 2 - 15:02 - 15:16
- 29) Detalhe mão do menino machucada
Fita 2 - 15:42 - 15:53
- 30) Babiton, do Movimento dos Meninos de rua fala sobre liberdade
- 31) Menino2 dormindo no jardim de uma casa, Policiais chamam
Fita 1 - 12:25 - 12:52
- 32) Menino2 vai embora
Fita 1 - 12:53 - 13:19
- 33) Policial passa a mão na cabeça do menino1 e vai embora
Fita 1 - 11:28 - 11:40
- 34) Menino1 sentado no chão , rosto escondido
Fita 1 - 11:55 - 12:02
- 35) Menino 1 fala , com pergunta da repórter " Onde tu gosta mais? - Lá pro lado do centro"
Fita 1
-
- 36) Menino do movimento fazendo pandorga - 548, 549, 550 e Áudio na 565
-

- 37) Sombra Catedral, sino batendo - 82
 - 38) Imagem Catedral lateral - 310
 - 39) Imagem centro - 365
 - 40) Meninos no centro - 365
 - 41) Meninos caminham no meio da multidão - 372
 - 42) Pés descalços dos meninos - 366
 - 43) Meninos sentados nas escadarias da Catedral - 57
 - 44) Menino some no meio das pessoas - 369
 - 45) Depoimentos dos meninos na escadaria "Se acordemo agora" - 63
 - 46) Close olho do menino - 78
 - 47) Depoimentos dos meninos "Dorme nas ruas" - 67
 - 48) Depoimento Menina – "Durmo nas ruas, durmo em casa abandonada" - 99
 - 49) Menino se aproxima da equipe - 390
 - 50) menino fala - 391
 - 51) bolinhas de sabão –
 - 52) Meninos da escadaria falam dos pais - 66
 - 53) Menino 1 fala do pai – 28
 - 54) Menina fala da mãe - 104
 - 55) Seu Carlos fala da família - 592
 - 56) Menino 1 fala da mãe – 33
-
- 57) Meninos fazendo pandorga – Depoimentos – 557, 555, 554, 553, 549
-

- 58) Detalhe menino com cigarro na boca - 397
- 58) Menino fala sobre fumar - 398
- 59) Meninos na escadaria da Catedral falam sobre drogas – 62
- 60) meninos andando no centro fumando – 474
- 61) Menina fala sobre fumar - 107
- 62) Menino pede dinheiro no centro - 414
- 63) Menino pede dinheiro - 415
- 64) Menino de frente se esconde na blusa - 416
- 65) Meninos na escadaria na Catedral falam sobre comer - 71
- 66) Menino fala sobre a mãe dar dinheiro - 403
- 67) Menina fala como faz para se sustentar – 98, 109
- 68) detalhe menina - 116
- 69) Menina continua falando - 103
- 70) Seu Carlos do Movimento do Meninos de rua “explorado quase sempre por um adulto”
- 592

71) Meninos fazendo Pandorga, depoimentos – 561, 562

-
- 72) Menino vendendo bala, corre - 374
- 73) engraxate anda em favela - 308
- 74) engraxate trabalhando - 55
- 75) homem dá dinheiro para engraxate – 412
- 76) moeda na mão suja – 389
- 77) Menino fala “faço 20 real” 380

- 78) Menino fala – “Uns 10, 15... dou para minha mãe” – 378
- 79) Menino fala – “50, 100... dou para minha mãe”- 53
- 80) Menina fala quanto ganha fazendo ponto – 109
- 81) Dona Uda “Isso nos preocupa...”513
- 82) imagens crianças trabalhando – 51
- 83) Imagens crianças trabalhando – 379
- 84) meninos vendendo bala – 375
- 85) Dona Uda - “ Crianças que saem da escola para trabalhar mais cedo” – 514
- 86) Seqüência de imagens – 469, 470, 471, 472, 473
- 87) Meninos na Catedral falam sobre amigos – 67
- 88) Menino (o do cigarro) fala de amigos – 399
- 89) Menina fala de amigos – 132
- 90) Imagem crianças – 75
- 91) Meninos na Catedral falam sobre o fechamento do Albergue – 65
- 92) Laione da Casa de Passagem fala sobre o Albergue – 436, 437 , 438
-
- 93) Meninos fazendo pandorga fazem comentários “Ah não tem explicação”
-
- 94) Imagem Casa de Passagem – passa caracteres com explicação sobre o fechamento do Albergue
- 95) Silvana , da Casa de Passagem fala sobre o fechamento do Albergue.
- 96) Menino 1 fala sobre estudar na Casa de Passagem – 29
- 97) Zébio, da Casa de Passagem fala sobre ensinar – 440, 441, 442, 445
- 98) Imagem menino de costas para a câmara, indo embora – 405

99) Menina fala sobre sair das ruas – 355

100) Meninos fazendo pandorga – depoimentos “É difícil” – 582

101) Crianças no centro – Sequência de imagens – 406, 407, 408, 409, 410, 468, 469, 472

102) Áudio sino – 70

103) Catedral dia – Fita 20

104) Fusão para Catedral noite – 150, 152

105) Mulher fechando loja – 158, 159

106) Calçadão noite – 157

107) Calçadão vazio – 213, 214

108) Pés menino andando até desaparecer – 163

109) Menino desce escada Alfândega – 164

110) Pés menino descalço em sinaleira – 257, 258

111) Menino desce escada Alfândega, papelão cai sobre ele (brincando) – 165

112) Se aproximam outros dois meninos e sentam perto de mim – 164

113) Menino pede dinheiro em sinaleira – 234

114) Menino corre e atravessa a rua – 257

115) Menina fala sobre estar nas ruas – 207

116) Menino canta – “Eu vou cantar uma música...” – 183

117) Menino na sinaleira fala “O que que eu conto?” – 239

118) Meninos fazendo pandorga – depoimento “É mais bonito, né?!” - 571

- 119) Menino(A) fala –“Ãhã, são tudo da rua...”- 171
- 120) Menino (B) fala – “Eu ia pra casa hoje, mas não fui” 271
- 121) Menino (C) fala “Eu não durmo em casa e de vez em quando na rua...”172
- 122) Menino (D)“Tem dia que eu durmo na rua “- 188
- 123) Menino (B) – “Lá em cima lá... – 178
- 124) Menino (C) – “Ah, durmo pra lá” - 189
- 125) Menino “O frio? ...”- 181
- 126) Menina “Quando chove...”- 212
- 127) Jovem – “Dia de chuva...” – 277
- 128) Jovem – “Nas garagens...” – 278
- 129) Menina “Por um lado é ruim...” –208
- 130) Jovem – “Muitas vezes...” – 263
- 131) Menino da sinaleira “Eu sinto mais ou menos assim feliz...” – 252
- 132) Menino “Porque sim, eu gosto da rua...” – 173
- 133) Menino da sinaleira – “Porque na rua tem mais liberdade...” – 246
- 134) Menino “Livre pra brincar ...”- 208
- 135) Zébio “O que é liberdade?...”444
- 136) Zébio “É a sensação da busca da felicidade...”- 445
- 137) Menino canta “A rua é melhor que a casa...” – 198
-
- 138) Meninos fazendo pandorga – Depoimentos – 580
-
- 139) Menino da sinaleira – “Se eu tenho amigos?...” – 248

- 140) Menino no Largo da Alfândega – “Tenho 10, 20, 30 ,40...” – 170
- 141) Menino – “Tenho só cinco...” – 190
- 142) Menino na sinaleira “ Tem esse que tá se escondendo ali...” – 255
- 143) Maria – “A metade deles já morreram tudo...” – 124
- 144) Jovem na sinaleira – “Assim a gente vai vivendo, um ajuda o outro...”- 270
- 145) Maria – “Uns com o vírus HIV outros de overdose” – 125
- 146) Jovem na sinaleira – “Tem muitos que usam drogas mas vai quem quer...”- 269
- 147) Maria – “A falecida Catarina, o falecido William...” - 126
- 148) Jovem na sinaleira – “Craque, pancadão...”- 281
- 149) Maria – “Até essa Catarina morreu...”- 134
- 150) Jovem na sinaleira – “conheci o China que morreu baleado...”- 286
- 151) Maria – “O William... Nós andava junto...”131
- 152) Maria – “Ele era um menino alegre...” 132
- 153) Maria – “Falaram pra mim que ele morreu ...”- 133
- 154) Imagens de jornal
-
- 155) Meninos fazendo pandorga – sem depoimentos/ apenas Bach
-
- 156) Menino – “Medo?” – 179
- 157) Jovem na sinaleira – “Medo a gente até tem...” – 288
- 158) Menino na Alfândega – “Eu não tenho medo...”- 193
- 159) Menino – “Medo de nada...” – 180
- 160) Maria – “Meu medo?... é perder meus dois filhos...” – 128

161) Meninos fazendo pandorga – depoimentos – 581

162) Imagem trapos sendo retirados do Largo da Alfândega – 46

163) Pessoa dormindo no prédio da Justiça – 220

164) Imagem rua com chuva - 223

165) Pessoa dormindo – 220

166) Calçada com chuva – 224

167) Pessoas dormindo na entrada de um prédio – 226

168) Pessoas dormindo, homem passa com guarda chuva – 225

169) Meninos fazendo pandorga – Depoimento “pode tá com sol ou chuva” – 581

170) Imagem menino 1 (do início do roteiro) - 608, 610

171) Maria do Conselho Tutelar “Nós encontramos ele no Sábado, a mãe chegou na 5ª feira...” – 616

172) Imagem menino – 604, 605

173) Mãe do menino “Não sei por que...” – 611

174) Menino – 595

175) Menino entra no carro – 609, 615

176) Música “Menino de rua”- sobre as imagens anteriores.

177) Maria do Conselho Tutelar – “Tem que fazer um trabalho com a família...” – 618

178) Udson do Movimento dos Meninos de rua “O que pode ser feito?...” – 547

179) Casa da Cidadania – 353, 322, 324

- 180) Dona Uda “O problema é dentro da sala de aula – 517
- 181) Zébio – “A escola seria a solução, mas qual escola?...” – 442
- 182) Dona Uda – “Não tem motivação...” –
- 183) Zébio e Laione – “A escola que temos é ainda a tradicional...” – 443
- 184) Lelete do Coral do Monte Verde – “Aqui no Monte Verde...” – 480
- 185) Coral canta – 520
- 186) Menino do Coral – “O coral pra mim...”- 477
-
- 187) Meninos fazendo pandorga – Depoimento “A pipa mais bonita?...”- 574
Meninos terminam a pipa que estavam fazendo e soltam “Será que voa?” volta a cor
-
- 188) FUSÃO para pandorga vermelha do início do roteiro – 586 (TELA CHEIA)
- 188) Pandorga vermelha no céu, risadas... 183
- 189) FUSÃO para pandorga do desenho da Juliana , pandorga desce
- 190) FUSÃO para desenho de William – caracteres “Desenho de William Barbosa de Araújo, menino de 11 anos, que morreu nas ruas de Fpolis”.
- 191) Desenho metade da tela – roda caracteres.

FIM

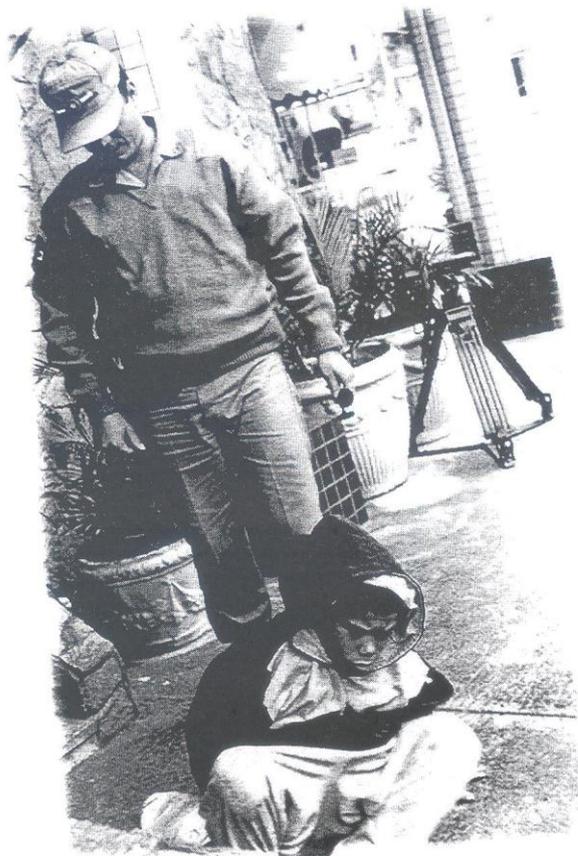
ENSAIO DE FOTOS

Fotos:
Marina Moros



Dormindo





Acordado

